



O corpo, a paixão no pensamento de Ignácio A. Silva (I): Corpo e Paixão: a gênese do sujeito

Ana Cristina Fricke Matte - FALE/UFMG
Vera Abriata - UNAERP

Resumo: Este é o primeiro de uma série de textos cujo objetivo é promover um debate sobre a leitura feita por alunos do professor Ignácio Assis Silva de questões, conceitos propostos por ele à reflexão em sala de aula. Esta série baseia-se em idéias que ele lançou em cursos ministrados em 1998 e 1999 na FFLCH-USP e na ECA-USP. Procurou-se a maior fidelidade possível ao texto oral do professor Ignacio, com a ressalva de nossa condição de alunas e à inexorabilidade da interpretação subjacente. Espera-se, assim, incitar no leitor o desejo de responder: seja bem vindo.

Abstract: This is the first of a series of texts that aims to promote a discussion of the view of Ignácio A. Silva about questions, concepts and proposals that he formulated during his classes. This series is a summary of questions and ideas of professor Silva in graduation disciplines ministered by him in 1998 and 1999 in the FFLCH - USP and in the ECA - USP. We tried to be as accurate as possible, except for our condition of eleven and the inexorability of the subjacent interpretation. We hope it incites in the reader the desire of answering: you'll be welcome.

Apesar de usar a palavra corpo, a semiótica vai falar de corporalidade, simulacro de corpo. A corporalidade é a abstração do corpo e o caminho em direção ao corpo. Ela só estará presente na semiótica a partir da segunda metade da década de 1970, quando a aridez da sintaxe começou a ser sensibilizada pelo corpo e pela tensividade.

A semiótica é uma semiótica do discreto, mas sobredeterminada pela continuidade, cujo avatar mais alto é a tensividade, a qual aflorou com o desesenvolvimento da semiótica das paixões. Articular é reduzir a continuidade a entidades discretas, reduzir um todo a pequeninos membros e, no percurso gerativo do sentido, é o processo que vai do abstrato invariável do profundo ao concreto variável da superfície.

Essa semiótica separa metodologicamente o sujeito (S) de estado, que é o sujeito numa relação conjunta com o objeto (O), do sujeito do fazer, o sujeito modalizado que promove transformações de estado. Assim, podemos perguntar: como um sujeito de estado passa a ser sujeito do fazer? A situação conjunta é prévia a qualquer ação. Nós vemos nossos atos em função das grades culturais conotativas que são de natureza sociosemiótica. É interessante lembrar que, em discussões com o grupo de estudos sobre Contrato fiduciário que o professor Ignacio mantinha com alunos e professores da UNESP Araraquara em 1998, ele lembrava que o conceito de heterogeneidade, em semiótica, deveria ser entendido como “constitutivo do discurso e não simplesmente como um mero produto desse mesmo discurso”.

A conjunção ou a disjunção serão determinadas por esse contexto sócio-semiótico e sua determinação é o primeiro passo na geração de um sujeito do fazer: ela engendra, na situação conjunta, a modalização do sujeito com o /querer/ ou o /dever/, depois, com o /poder/ e finalmente com o /saber/. Mas, acima de tudo, é preciso /crer/: crer é uma competência cognitiva – conhecer – e, ao mesmo tempo, uma competência intersubjetiva: confiar.

O /crer/ permite a instauração do S como sujeito do fazer bem como instaura sua capacidade de atuar intersubjetivamente: a aceitação ou recusa da manipulação não se faz sem pena, dor ou solavanco. O sujeito, modalizado pelo /querer-fazer/ ou /dever-fazer/, /poder-fazer/ e /saber-fazer/, é ainda um S que *pode não fazer*. Mas, na medida em que aumenta a carga modal do sujeito de um original estado passionalmente neutro, aumenta sua carga passional, conduzindo-o a um estado inquieto de paixão no qual é obrigado a agir para não perecer.

Esse é o sujeito semiótico: o outro, sujeito da situação conjunta indefinida (S—O), não tem existência semiótica. Teria uma existência fenomenológica no sentido da fenomenologia de Husserl, mas não uma existência semiótica, nem linguageira ou discursiva.

Tendo em vista o percurso de desenvolvimento do conceito de sujeito em semiótica – anos 1970, início dos anos 1980 - observamos que inicialmente essa era uma noção de base estrutural, estática, estável e incapaz de dar conta de sua vida social, psíquica, emocional e processual. A partir do estudo das paixões, a relação não mais será apreendida como relação em si, mas como ponto de chegada e partida do processo, trazendo à tona as lacunas que o sujeito narrativo fora incapaz de preencher. Na busca de respostas, a semiótica não mais trabalhará com a estabilidade, a qual será vista como um efeito de sentido necessário para captar os fenômenos, mas com a instabilidade, os processos que desestabilizam a estrutura. Por isso surgiu a necessidade de descer às estruturas profundas do texto, não para se perder nas profundezas, mas para voltar à superfície reconstruindo seu caminho.

Mesmo a busca de respostas para as questões enunciativas se torna mais produtiva se corresponder a uma descida à fidedignidade no nível profundo. Em texto de 1998 (Silva et al. 1998, p. 24) sobre Contrato Fiduciário, há a seguinte observação: o contrato de veridicção envolve três fazeres: o fazer veridictório, o fazer epistêmico e o fazer fiduciário:

“o fazer veridictório define-se como a inscrição, pelo enunciador, de marcas que fazem o enunciado se deixar ler como verdadeiro/falso/mentiroso/ secreto. O fazer epistêmico constitui a ação do enunciatário de interpretar o teor veridictório do enunciado; para isso ele parte de atitudes epistêmicas coletivas (...) . No fazer fiduciário, o enunciatário confia ou espera mais do que o fazer epistêmico autoriza; trata-se de uma adesão efetiva/afetiva”.

Há dois estados patêmicos que explicam a existência do sujeito semiótico: a espera e a nostalgia. Trata-se de uma tensão entre a prospectividade e a retrospectividade. Ao mesmo tempo, uma tensão em cujos extremos há o perigo da perda do sentido: de um lado, o zero da significação, para o qual tende a deficiência modal, de outro, o tudo da significação, para o qual tende o excesso modal. Em outra dimensão, a analítica, a estética apóia-se nesses mesmos eixos dicotômicos. Segundo Greimas, o estético existe como espera e nostalgia (Tasca & Zilberberg, 1988). Nós sentimos e esse sentir é lido numa tensão que se abre ora para o futuro (espera, expectativa), ora para o passado (nostalgia, saudade). Esses são os pólos do eixo que suporta o estético, o qual traz para as vivências (eu-aqui-agora) as pré-vivências e as futuras vivências (Silva, 1996, p.17).

O sujeito que espera é um sujeito *inquieta*, sobretudo por /crer/ em outro sujeito – fidúcia –. Quando o sujeito da espera começa a questionar os valores do O_{VALOR}¹, instaura-se o desespero, provocando danos ao S, o qual começa a perecer. Em oposição ao desespero há o despojamento de paixão, que é um programa narrativo. O indiferente é o fruto desse percurso de “desapaixonamento”.

Cabe, portanto, voltar à definição da própria semiótica: essa ciência não se interessa imediatamente pelos objetos semióticos, mas pelos processos que os engendram, estruturam e produzem: não o signo, não o objeto, não o sistema, não a estrutura, mas a semiose e a significação.

Segundo Hjelmslev (1968 e 1985), nada de bom se pode fazer em ciência da linguagem se não se vai aquém do signo. O sistema corresponde ao sedimentado, cristalizado (tal como os sistemas de signos de Peirce, cf. Nöth, 1995): também é preciso ir além do sistema, ir ao processo linguageiro da significação.

O objeto da semiótica é o texto. É no texto que o signo ganha existência e sentido. Ir aquém do signo é mergulhar no infra-sígnico, o que diz respeito a uma ciência da construção, tal como a semiótica greimasiana. Para ela, a semiótica das paixões como uma configuração de modalizações aspectualizadas correspondeu a uma semiótica da modalização na qual se estudaram os efeitos de sentido das paixões e os arranjos modais que os estruturam (anos 1978 a 1979): agora é preciso ir além e perceber o processo discursivo que produz tais efeitos.

O semi-símbolo² é um modo de trabalhar as paixões, pois trata do processo de transformação do símbolo (da ordem do lógico) em semi-símbolo (da ordem do mítico). A patemização é inaugurada pela ruptura da quietude regida pelas leis da necessidade: na via contrária, a desconstrução do corpo desconstrói o sujeito.

Segundo Lacan, a mãe de todas as paixões é a curiosidade. No brincar, a criança percebe-se e percebe o outro. A dimensão lúdica do jogo em direção ao meta-brincar permite a percepção de vários fazeres, numa dimensão lingüística. Primeiro, capta-se o sujeito via corpo e, a seguir, ele se deixa sensibilizar nessa relação (timia).

¹ O_{VALOR} = objeto constituído pelo valor que tem para um sujeito.

² A noção de semi-símbolo deve ser entendida no sentido mítico a ele conferido por Silva (1995, p. 61) que enfatiza “o aspecto operacional de sua *mise em discours*”. Para ele, “a concepção de metamorfose como operação (e não relação) atua sobre (rege) estruturas míticas (relações semi-simbólicas). Nesse aspecto “a metamorfose é um ato de linguagem (e não de língua!) que faz-ser um estado novo: uma operação semi-simbólica que chama à existência estruturas míticas.”

Sobre esses dois patamares é que se instaura a meta-leitura que vai inspirar a experiência patêmica. Antes da linguagem, porém, o desejo não é senão necessidade. Então, o homem sujeito à linguagem já é S.

Isso resume a transformação do filhote de homem em proto-sujeito (proto-S), sem forma ou sentido, e deste, em sujeito. O estado patêmico está sustentado por essa tensão entre voltar a proto-S ou passar a S. Nós vivemos essa tensão, apesar de ser muito difícil mantermo-nos como tal, ou seja, como narcisos secundários. Nosso estado de Narciso secundário nos permite sermos narcisos sem criarmos grandes problemas para a sociedade ou para nós mesmos. Nesse estado, o Narciso está “estirado” por duas grandes tendências:

- atingir o outro para tentar atingir a si mesmo (uma auto-agressividade que pode levar à extinção);
- atingir o outro para atingir o “miolo do eu” que está incrustado no outro e “me” sustenta (necessidade do espelho). Precisamos do espelho para constituirmo-nos.

Tornando-se periclitante essa relação, tendemos a regredir ao estado de proto-S – para elucidar: o sonho de voltar ao ventre materno, por exemplo, seria ainda um estado anterior ao de proto-S; proto-S seria a criança enquanto filhote de homem-. Quantas vezes, por outro lado, não sonhamos em mergulhar de cabeça no objeto, pouco importa o que aconteça? Ambas as opções são saídas catastróficas para a oscilação do S no estado de Narciso secundário.

É interessante observar como o professor Ignácio perseguia a construção de uma psicossemiótica. Fascinado pela constituição do sujeito semiótico, não deixou de travar diálogo com a psicanálise de orientação lacaniana. Nesse aspecto, consideramos importante remeter os leitores não iniciados em Lacan a alguns dos conceitos desenvolvidos pelo psicanalista francês e que Ignácio citava com total desenvoltura em seus cursos. Um desses conceitos é o da “fase do espelho”. Conforme Laplanche & Pontalis (1993, p.177), a fase do espelho na teoria lacaniana relaciona-se à constituição do primeiro esboço do ego. Nessa fase, a criança percebe na imagem do semelhante ou na própria imagem especular uma forma em que antecipa uma unidade corporal que objetivamente lhe falta e identifica-se com essa imagem. A fase do espelho é que faria retroativamente surgir a fantasia do corpo fragmentado. No tratamento psicanalítico,

segundo os autores, “vê-se, por vezes aparecer a angústia de fragmentação por perda da identificação narcísica, e vice-versa”.

O espelho não é o outro, é o Outro (o simbólico, a lei, a linguagem), o espelho não se destrói. Diante do espelho trincado pelo pedrisco social do Outro é o sujeito que se estilhaça, tem uma visão fragmentada do “real” e do social. O estado passional do sujeito é regido pela relação eu-social, mas com o representante do espelho: o Outro (Silva, 1995, p.178). Para o sujeito, portanto, a palavra da sociedade é a salvação. Quando a relação do sujeito com essa palavra se embaralha, balança o estado de S.

Vale lembrar que para Lacan (1986, p. 197,198),

“é num movimento de báscula, de troca com o outro que o homem se apreende como corpo, forma vazia do corpo. Da mesma forma, tudo o que está nele no estado de puro desejo, desejo originário, inconstituído e confuso, o que se exprime no vagido da criança – é invertido no outro que ele aprenderá a reconhecê-lo. Aprenderá, porque não aprendeu ainda, enquanto não colocamos em jogo a comunicação. ...

Antes que o desejo aprenda a se reconhecer ... pelo símbolo, ele só é visto no outro.

Na origem, antes da linguagem o desejo só existe no plano da relação imaginária do estado especular, projetado, alienado no outro. A tensão que ele provoca é então desprovida de saída. Quer dizer, não tem outra saída ... senão a destruição do outro.

O desejo do sujeito só pode, nessa relação, se confirmar através de uma concorrência, de uma rivalidade absoluta com o outro, quanto ao objeto para o qual tende. E cada vez que nos aproximamos, num sujeito, dessa alienação primordial, se engendra a mais radical agressividade - o desejo de desaparecimento do outro enquanto suporte de desejo do sujeito....

A relação que existe entre o sujeito e o seu *Urbild*, o seu *Ideal-Ich*, por onde entra na função imaginária e aprende a se conhecer como forma, sempre pode bascular. Cada vez que o sujeito se apreende como forma e como eu, cada vez que se constitui no seu estatuto, na sua estatura, na sua estática, o seu desejo se projeta para fora. Donde se segue a impossibilidade de toda coexistência humana.

Mas ... o sujeito está no mundo do símbolo, quer dizer, num mundo de outros que falam. É por isso que seu desejo é suscetível da mediação do reconhecimento. Sem o que toda função humana só poderia esgotar-se na aspiração indefinida do outro como tal”.

Mas, então, o que é um sujeito semiótico? É alguém que tem uma relação de conjunção com o objeto-valor: o ideal é que se tratasse de uma relação estável, mas se

trata de uma relação juntiva instável por estar o O_{VALOR} também em relação constante com o outro e o Outro.

A aquiescência do Narciso primário é um sonho. A criança não sente a distinção (disjunção) com o proto-objeto por excelência (a mãe) (Silva, 1995, p.186). A linguagem e o simbólico instauram o corte, a subjectogênese, a antropogênese. A relação de necessidade não é sentida pelo filhote de homem como uma relação de necessidade, mas deve ser lida como a que rege a própria relação, ou seja, os processos entre os objetos da natureza. Ela é lida por alguém de fora e colocada por esse alguém dentro do objeto lido. Assim, tal leitura transforma a relação a-erotizada em uma relação toscamente erotizada. A primeira veste com que o homem se veste é o *corpo* do homem.

Vislumbra-se, então, a tensão entre a semente da inquietude e a nostalgia da quietude. A inquietação que a sociedade implanta no sujeito fá-lo tender a um estado mais penoso que o do proto-sujeito original, pois esse estado original é um estado de exultação e quando, via sistemas ideológicos, a sociedade vai retomando os valores adquiridos pelo sujeito, não o devolve ao estado de filhote de homem.

Por outro lado, pode-se morrer semioticamente, morrer antes de morrer, uma morte psicossemiótica, sociosemiótica. Quando tudo que nos constitui como sujeito vira memória, ou seja, quando o sujeito, ao invés de viver uma relação de transitividade via objeto, passa a viver uma relação de si consigo mesmo, tendo fora dele um mundo que lhe dá as costas, este sujeito está num estado passional extremamente exacerbado de depauperamento (des-possessão) modal, a um passo de desintegrar-se como sujeito e, assim, como homem. Essa ação simbólica da sociedade via linguagem vai matando o sujeito antes da morte física. Ela não corresponde à regressão semiótica do sujeito em direção à sua gênese, o sujeito elementar ou sujeito da tensividade ou sujeito zilberberguiano.

A função fundadora é a função fática, uma das funções da linguagem (Jakobson, 1991: p.120-130): “eu existo”. Ela, a função fática, institui o laço fundador da constituição do sujeito. O sorriso é o primeiro contato fático entre sujeitos e a marca mínima da fideducía.

A negação da função fática é uma das características da nossa sociedade. O medo faz com que os sujeitos neguem a relação intersubjetiva, mas vive-se a todo

momento a semiótica das paixões. Ela faz parte da nossa constituição e da nossa existência como sujeitos.

Referências Bibliográficas

HJELMSLEV, L. [1968] - Prolégomènes a une Théorie du Langage - et - La Structure Fondamentale du Langage. /trad. Anne-Marie Léonard. Série Arguments # 35. Paris, Les Editions De Minuit.

_____. [1985] - Entretien Sur La Théorie Du Langage. Nouveaux Essais - Paris, Presses Universitaires de France.

JAKOBSON, R. [1991] - *Linguística e Comunicação*./trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Ed. Cultrix.

LACAN, J. [1986] Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (O Seminário. livro 1).

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. [1983] - Vocabulário de Psicanálise. São Paulo, Martins Fontes. 1983

NÖTH, W. [1995] - Panorama da semiótica: de Platão a Peirce. São Paulo, Annablume.

SILVA, I. A. [1995] - Figurativização e metamorfose: o Mito de Narciso, São Paulo, Ed. da UNESP.

_____. [1996] – A escuta do sensível/ in: _____. (org) – Corpo e Sentido, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, pp. 9-16.

_____ et al.[1998] – O contrato fiduciário: considerações preliminares. In: Caderno de Estudos do IV colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. v.4, p. 9-25, São Paulo, PUC.

TASCA, N., ZILBERBERG, C. [1988] – Entretien avec A. J. Greimas. Cruzeiro Semiótico, V. 9, pp. 9-16, Porto.